

SIMPÓSIO TEMÁTICO 10:

Teoria gerativa: sintaxe e interfaces

Coordenadores: Marcus Vinicius Lunguinho (UNB) e Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante (UFRJ)

A alternância "who/that" em construções clivadas

Autores: Carlos Felipe da Conceição Pinto ¹

Instituição: ¹ UFBA - Universidade Federal da Bahia

Resumo: As construções de clivagem são construções de último recurso, quando a alteração da ordem de palavras e a prosódia deixam de ser eficientes para marcação da focalização. Dentre as construções de clivagem registradas no português brasileiro, são registradas construções como "foi João que chegou" e "foi João quem chegou". Ambas são analisadas na literatura anglo-saxônica como "it-cleft", ou seja, construções em que a oração subordinada é encabeçada por um complementizador ("that" ou "who", no caso do inglês) apresentando a mesma estrutura. Por outro lado, a literatura de língua portuguesa analisa as duas construções como tendo estruturas diferentes: a primeira é considerada uma sentença clivada, tal qual as "it-clefts" do inglês, e a segunda é considerada uma sentença pseudo-clivada, cuja estrutura estaria composta por uma oração relativa, em vez de uma that-clause, como no caso das clivadas. Assim, nessas construções, "que" seria um complementizador e "quem" um pronome relativo. Neste trabalho, temos o objetivo de questionar a análise proposta para essas duas construções de clivagem no português, em especial no português brasileiro, e propomos uma análise alternativa, seguindo a tradição anglo-saxônica, em que as duas construções teriam a mesma estrutura (semelhante às "it-clefts"), na qual haveria algum tipo de traço phi aberto à variação no núcleo C^o desencadeando as duas variantes, uma com "que" default e invariável e outra com as respectivas formas variáveis. Para sustentar nossa análise, apresentaremos o resultado de duas pesquisas feitas com julgamento de gramaticalidade, que consideram, entre outros aspectos, o contexto informacional e o tipo de constituinte focalizado, a fim de averiguar se ambas as construções podem ser empregadas nos mesmos contextos e com os mesmos constituintes focalizados ou não.

Palavras-chave: Clivagem, sintaxe comparada, sintaxe do português

A expressão do Aspecto Perfect no Português língua de herança por falantes de Espanhol do México

Autores: Anne Katheryne Estebe Maggessy ^{1,2}

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, ² IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A língua de herança (LH), de acordo com Montrul (2012), é a língua falada pelos filhos dos emigrantes, ou seja, é uma língua adquirida em ambiente familiar que é diferente da língua dominante da sociedade local. Neste trabalho, investigaremos a expressão do Aspecto Perfect no Português do Brasil (PB) como língua de herança de jovens, de famílias brasileiras, nascidos no México. Segundo Comrie (1976), o Perfect é um Aspecto verbal, pois indica a relevância do presente contínuo de uma situação passada. No Espanhol, ele é expresso pelo Passado Composto (PC) (he estudiado) e no PB é expresso pelo PC (tenho estudado) e outros tempos verbais. De acordo com De Paula Scott (1995), na interlíngua de falantes nativos do espanhol que aprendem PB como língua estrangeira (LE) é comum o uso do PC em contextos que requerem o uso da forma simples, gerando assim frases agramaticais como em "Ainda não tenho terminado meu trabalho". Para a autora, isso se deve à diferente interação que ocorre nessas línguas entre o Aspecto veiculado e modificadores como aún no/ ainda não, hasta ahora/ até agora, siempre/ sempre e etc. Outro fator que também pode influenciar é a natureza do verbo. Segundo Iatridou et alii (2008), se tem considerado que as ações que contêm uma forma em Perfect são estativas. Seguindo a hipótese da uniformidade dentro do Programa Minimalista da Teoria Gerativa, na qual todas as línguas compartilhariam dos mesmos traços, observaremos, através de um teste de versão, se os traços que interferem na aprendizagem do PB como LE em falantes de espanhol do México, também interferem na aprendizagem do PB como LH. Diante disso, nossa hipótese é de que, assim como na LE, na LH, além dos

modificadores adverbiais, os verbos do tipo estado e culminação poderão gerar transferências improdutivas na expressão do Perfect.

Palavras-chave: língua de herança, aspecto perfect, português e espanhol

A expressão dos argumentos indiretos em português brasileiro: a queda do dativo e a entrada do oblíquo e do genitivo

Autores: Ana Regina Vaz Calindro ¹

Instituição: ¹ UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a expressão dos argumentos indiretos (AIs) em sentenças com verbos de criação em português brasileiro (PB), como ‘construir’, ‘pintar’ e ‘preparar’. Comparativamente, os AIs dessas construções em português europeu (PE) são introduzidos por *a* e alternam com o clítico dativo de terceira pessoa *lhe(s)*: (1) *a. A Maria preparou o jantar ao João / preparou-lhe o jantar.* (PE) (*PB) *a'. [vP A Maria [v' v [VP preparou [ApplP o João/lhe [APPL' Ø [DP o jantar]]]]]]].* Já em PB, não somente a preposição *a* foi substituída por *para* ou *de*, como seu uso é agramatical. Ademais, esses AIs nunca alternam com *lhe(s)*, pois os brasileiros usam *para* e *de* precedidos por pronomes pessoais: (2) *A Maria preparou o jantar para o João / do João / para ele / dele.* (PB) Os dados do PB evidenciam que historicamente houve duas reanálises relacionadas: i. quanto à escolha das preposições que introduzem AIs; ii. quanto à sua marcação de Caso. Pois, nessa variante, a preposição funcional *a*, marcadora de Caso dativo, foi substituída pelas preposições lexicais *para* e *de*, além do desaparecimento da marca morfológica de caso dativo – *lhe(s)*. Assim, a construção aplicativa (1a'), proposta por Torres Morais (2007) para o PE, está inativa em PB. Proponho neste estudo que a introdução dos AIs precedidos por *para* é feita com uma projeção pP (3), seguindo Wood (2012). (3) *[vP Maria [v' v [VP preparou [pP o jantar [p' Ø [PP para o João / ele]]]]]]].* Por fim, o PB também reanalisou a construção aplicativa com uma construção genitiva, na qual o AI é introduzido pela preposição *de* em um PP genitivo dentro do DP: (4) *[vP Maria [v' v [VP preparou [DP [D' D [o jantar [PP[P' de [DP o João / ele]]]]]]]]].*

Palavras-chave: argumentos indiretos, preposições, caso dativo

A formação do nominal nas construções com o verbo leve fazer

Autores: Daniela Almeida Alves ¹

Instituição: ¹ UFBA - Universidade Federal da Bahia

Resumo: Este trabalho discute sobre as construções com o verbo leve (CVL) *fazer*, no português, mais precisamente, a relevância dos processos de formação do nominal com que o verbo leve se combina para leitura final dessas construções. Para análise, consideraram-se os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), uma corrente teórica que se insere no Programa Minimalista (CHOSMSKY, 1995), para a qual a formação de palavras se dá no componente sintático, por *fases* (MARANTZ, 2001). No que diz respeito à leitura dessas CVLs, leva-se em consideração a noção de aspecto lexical (SMITH, 1997) e os traços que os permitem identificá-lo (duratividade, telicidade, dinamicidade). Neste trabalho, argumenta-se que há dois tipos de CVLs, no português: a) um tipo em que o N é formado diretamente de raiz; e b) outro tipo em que o N é derivado de um verbo. A hipótese é que, quando o nominal é formado diretamente da raiz, a leitura da construção é idêntica à da construção com verbo pesado correspondente (*fez um apelo = apelou*) e, quando é um deverbal, a leitura é distinta, considerando os traços contidos na projeção aspectual que domina o categorizador verbal, ou seja, é [- durativo], quando N –*ada* (*fez uma caminhada*), e [+ durativo], quando N –*ção* e N –*mento* (*fez uma apelação/fez um detalhamento*). Para identificação dessas leituras, aplicaram-se testes de identificação do grau de completude da eventualidade denotada pelas CVLs, cujo resultado demonstrou que, o traço de aspecto lexical do verbo leve *fazer*, [+ durativo], também, contribui para as diferentes leituras identificadas. Desse modo, na construção *fazer + N – ção, –mento, –ada*, a leitura é de completude ampliada em relação ao verbo pesado correspondente, e os sufixos agem expressando graus diferentes de completude.

Palavras-chave: Verbo leve, Nominalizações, Leituras

A representação mental das categorias funcionais: reflexões teóricas a partir da análise da aquisição de Aspecto

Autores: Adriana Lessa ², Juliana Néspoli ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, ² UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: A Teoria de Princípios e Parâmetros, na sua versão Minimalista, dedica-se a prover explicações sobre a estrutura sintática da sentença. Tais explicações têm como base a proposição de que as projeções funcionais devem ser reduzidas às projeções de categorias conceptualmente motivadas (CHOMSKY, 1995). Embora a natureza das categorias com projeção funcional tenha sido definida, não há unanimidade quanto às propostas acerca do inventário dessas categorias. Uma proposta possível de se adotar é a de que o inventário de categorias funcionais é uniforme entre as línguas e proveniente da Gramática Universal (SIGURÐSSON, 2005; CINQUE & RIZZI, 2008). Partindo desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo geral contribuir para as discussões acerca do inventário de categorias funcionais, a partir de uma análise da categoria de Aspecto. Segundo Comrie (1976), Aspecto pode ser definido como as diferentes formas de se visualizar a configuração temporal interna de uma situação, correspondendo, assim, a uma categoria conceptualmente motivada. Desde a década de 70, o estudo dessa categoria tem se mostrado relevante para a construção de teorias de aquisição da linguagem, envolvendo a hipótese de primazia do aspecto, e, conseqüentemente, a caracterização da Gramática Universal. Sendo assim, pretendemos promover uma discussão acerca desse fenômeno a partir do olhar para o seu processo de aquisição, com base em um estudo de caso de caráter longitudinal (LESSA, 2015), em que se defendeu a existência de categorias sintáticas distintas para dar conta de traços de Tempo e de Aspecto na estrutura sintática sentencial e se discutiu a pertinência de uma classificação aspectual ontológica. Portanto, temos como objetivo, especificamente, contribuir (1) para o entendimento do processo de aquisição de aspecto em si e (2) para o entendimento de questões teóricas como "O que caracteriza o conhecimento universal de linguagem?".

Palavras-chave: aspecto, categorias funcionais, aquisição de linguagem

A sintaxe de definitude no português

Autores: Danniell Carvalho ¹, Fernanda Cerqueira ^{1,2}, Victor Mariano ¹

Instituição: ¹ UFBA - Universidade Federal da Bahia, ² FAPESB - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal discutir o papel do traço definitude na sintaxe do português brasileiro. Empiricamente, apresentamos evidências independentes do português brasileiro e de outras línguas descritas por Corbett e Bond (2016), como o sueco e o archi, de que este traço faz parte do inventário de traços-phi, desempenhando um papel no licenciamento de DPs nessas línguas. Teoricamente, propomos uma redistribuição do traço de definitude no inventário de traços expandido proposto por Carvalho (2008) com base em um modelo minimalista de gramática (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes), o que terá conseqüências no comportamento de outros traços-phi, como número e gênero, por exemplo. Nossa proposta parte inicialmente de estruturas do português que aparentemente são sensíveis ao efeito de definitude no seu processo de licenciamento, como pronomes plenos de terceira pessoa (CERQUEIRA, 2015), sujeitos duplicados (CARVALHO; TAVARES SILVA; ZIOBER, 2015, 2016) e estruturas predicativas com sujeitos nus (CARVALHO, 2016). Esta proposta parte da ideia já difundida de partição para os traços-phi em diferentes domínios, a partir da sua função na valoração. Portanto, a partir disso, propomos que este traço não tem natureza apenas semântica, mas participa da sintaxe do português, e que D, lócus do traço, portanto, é o responsável por sua valoração nessa língua. Entretanto, diferentemente do que é proposto na literatura linguística sobre geometria de traços (HARLEY; RITTER, 2002, BÉJAR, 2003), assumo que o nó [D] não é dominado por [pi], responsável por pessoa, mas, em vez disso, sua dependência estrutural é com o nó [individuação]. A conseqüência imediata desta transferência de domínio é o fato de que os nós dominados por [D], a saber [definitude] e [especificidade], também serão dominados por [individuação], fazendo com que essas características sejam também compartilhadas por entidades que não fazem parte do universo discursivo.

Palavras-chave: Sintaxe, Definitude, Português

Análise diacrônica das interrogativas-Q no PE e no PB: um estudo sobre a ordem VS/SV

Autores: Mayara Nicolau de Paula ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Partindo do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky,1995), apresento uma investigação diacrônica das interrogativas-Q no português europeu (PE), com base em uma amostra de dados de peças teatrais portuguesas, escritas ao longo dos séculos XIX e XX. O trabalho conta também com uma análise dos padrões de interrogativas -Q encontrados em entrevistas e textos jornalísticos. Os resultados são comparados com os obtidos para as interrogativas do português brasileiro, a partir de Duarte (1992) e Pinheiro e Marins (2012). Como o PE exhibe comportamento de língua de sujeito nulo consistente, trabalho com a hipótese de que os sujeitos de primeira e segunda pessoas, bem como os anafóricos de terceira, devem exibir preferência por sujeitos nulos. Em relação aos expressos (DPs lexicais e pronomes), a gramática do PE deve apresentar a ordem VS ativa e SV condicionada à presença de clivagem. Tomando o modelo de Competição de Gramáticas (Kroch 1989, 2001) como base para interpretação da mudança linguística, os resultados confirmam a hipótese: PE exhibe uma competição envolvendo QVS, resquícios de uma gramática V2, que passa a QSV em consequência da entrada e generalização da clivagem, que se torna o padrão mais frequente não só nas interrogativas com sujeito expresso, como também nas sentenças com sujeito nulo. Já o PB, que exhibe resquícios de uma gramática V2 como o PE, nas três primeiras sincronias, passa a exibir uma nova gramática, igualmente desencadeada pela entrada da clivagem, no entanto, o PB generaliza a ordem QSV ao mesmo tempo que remarca o Parâmetro do Sujeito Nulo. As evidências empíricas encontradas sustentam a hipótese de que a ordem QSV no PE não está relacionada à perda do sujeito nulo como acontece no PB.

Palavras-chave: Clivagem, Interrogativas-Q, Ordem vs/sv, Parâmetro do Sujeito Nulo

As construções de tópico-sujeito em Português Brasileiro: questões e perspectivas de análise

Autores: Marcus Vinicius Lunguinho ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: O objeto de estudo deste trabalho são as construções de tópico-sujeito que têm em (1) um exemplo: (1) [A minha bicicleta] furou [os dois pneus]. Essas estruturas já foram estudadas em diversos trabalhos (Pontes 1987; Kato 1998; Galves 1998; Lunguinho 2006; Lobato 2006; Rodrigues 2010; Munhoz & Naves 2012; Avelar & Galves 2011; Andrade & Galves 2014; Kato & Duarte 2014; Toniette 2013; Melo 2015). Apesar da quantidade de trabalhos, a sintaxe dessas construções ainda levanta algumas questões que merecem discussão: a) Que relações semânticas os dois DPs estabelecem entre si? b) De que forma o DP pré-verbal chega a sua posição? c) Qual o estatuto sintático da posição do DP pré-verbal? d) Como o DP pós-verbal tem seu traço de Caso valorado? Tomando como base o Programa Minimalista (Chomsky 1993, 1995 e trabalhos subsequentes), meu objetivo será discutir essas questões, apontando perspectivas de análise. No que se refere ao tipo de relação que os DPs mantêm nessas construções, mostrarei que há mais de uma relação: a relação genitiva/possessiva, a relação de parentesco (Floripi & Nunes 2009) e a relação de “complementação”. Acerca do modo como o DP chega à posição pré-verbal, apesar de haver uma tendência de considerar que há *internal merge* desse DP, argumentarei, com base em Duek (2015), que essa não é a única possibilidade. As estruturas em estudo parecem envolver dois processos sintáticos em sua derivação: *internal merge* e *external merge*. Com base em evidências prosódicas, morfossintáticas e semânticas, argumentarei que a posição do DP pré-verbal se caracteriza como uma posição-A. Por fim, no que se refere ao Caso do DP pós-verbal, apesar de haver, na literatura, propostas de que o Caso desse DP seja *default* (Munhoz 2011) ou Nominativo (Melo 2015), apontarei pontos positivos e pontos negativos em cada uma delas.

Palavras-chave: Tópico-sujeito, Português brasileiro, Caso, Merge, Posição-A

As orações relativas oblíquas na escrita brasileira dos séculos XIX e XX: uma análise formal-diacrônica

Autores: Grazielle Helena Scheidt ¹

Instituição: ¹ UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, numa perspectiva formal-diacrônica, as orações relativas oblíquas no português escrito no Brasil no curso dos séculos XIX e XX, que podem se realizar de três formas, como vários estudos em sintaxe diacrônica têm mostrado. Estudos como o de Tarallo (1979 e posteriores) mostram que as variantes com o pronome relativo cortado (*Esta é a moça que te falei*) e com pronome lembrete/resumptivo (*Esta é a moça que te falei dela*) ganham espaço na gramática do português brasileiro em oposição à forma padrão com a preposição (*Esta é a moça de que te falei*). Mais especificamente, temos por objeto de estudo o estatuto gramatical/sintático dos pronomes relativos em PB, com foco no relativo "que", que entra como um pronome de uso universal na gramática do PB. Tal mudança se implementa na escrita brasileira, com mais força, em textos escritos no Brasil a partir do século XIX. Nossa análise parte de uma descrição empírica da variação atestada em cartas particulares do *corpus* do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), usando pressupostos da teoria da Variação e Mudança linguística (WLH), para o estudo da propagação da mudança, e da teoria Gerativa (Chomsky, 1995), para a busca de explicações da matriz traçal dos pronomes relativos – especialmente do pronome "que" – em PB. Mais especificamente, este trabalho tem como principal questão verificar se a mudança associada ao pronome relativo "que" segue a escala hierárquica de aquisição de relativas proposta por Keenan e Comrie (1977).

Palavras-chave: relativas oblíquas, Sintaxe diacrônica, PHPB

Características das impessoais nulas modalizadas do português brasileiro

Autores: Janayna Maria da Rocha Carvalho ¹

Instituição: ¹ USP - Universidade de São Paulo

Resumo: Este trabalho investiga as propriedades de impessoais nulas modalizadas, exemplificadas em (1). Carvalho (em andamento) propõe que existem três tipos de impessoais nulas no português brasileiro, exemplificadas por (1), (2) e (3). Esses três tipos contrastam quanto ao licenciamento de elementos orientados para o sujeito e de seleção verbal, como exemplificado abaixo. Carvalho (2016) afirma que os pronomes nulos em impessoais nulas simples e de causa e consequência exemplificam, respectivamente, indefinidos fracos e fortes (cf. Diesing (1992)). Quando comparadas às classes exemplificadas em (2) e (3), as impessoais nulas modalizadas, exemplificadas em (1), apresentam-se como uma classe mista, licenciando elementos orientados para o sujeito, como a classe representada por (3), mas não licenciando verbos inacusativos e individual-level, como a classe representada por (1). O fato de modais deônticos estarem dentro do VP, introduzirem um argumento e serem orientados para o sujeito (Brennan 1993) dão pistas sobre as características do pronome nulo presente em (1). (1) Impessoais nulas modalizadas a. Aqui pode entrar na piscina bêbado (predicado secundário-OK)/ para acompanhar criança (cláusula de propósito-OK). b. Aqui não pode ficar falando de si mesmo (anáfora-OK); c. Não pode participar voluntariamente do encontro, tem que ser convidado (advérbio orientado para o sujeito-OK); d. *Nesse hospital pode temer a morte. (*individual-level)/ *pode nascer rápido. (* inacusativo) (2) Impessoais nulas simples a. Aqui vende sapato caro *com zelo/*bêbado/ % para evitar cliente pobre. (*advérbio orientado para o sujeito; *predicado secundário; %cláusula de propósito) b. *Na feira não escuta a si mesmo. (*anáfora); c. *Nessa escola sabe matemática. (*individual-level) d. *Nessa fazenda cresce tranquilamente. (*inacusativo) (3) Impessoais nulas de causa e consequência a. Funciona assim: sabe matemática, passa rapidinho. (individual-level-OK) b. No congresso funciona assim: foi eleito, só faz as coisas para si mesmo./ para agradar ricos. (anáfora-OK; cláusulas de propósito-OK) c. Nessa idade precisa ter mais autonomia: sujou, limpa por vontade própria. (advérbio orientado para o sujeito-OK) d. Geralmente é assim: nasce pobre, morre pobre. (inacusativo-OK)

Palavras-chave: impessoais nulas, modais, português brasileiro, sujeito nulo

Categorias funcionais e variação linguística: o caso da reestruturação

Autores: Anabela Gonçalves ¹

Instituição: ¹ FLUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Resumo: O objetivo central desta comunicação é o de analisar, numa perspetiva comparada, dados do PE e do PB que forneçam evidência para o papel das categorias funcionais na variação linguística (Borer 1984; Pollock 1989; Chomsky 1995, 2001; Baker 2008). Centrar-nos-emos na estrutura de reestruturação, cuja presença (PE) ou ausência (PB) se tem atribuído, no quadro da gramática generativa, à arquitetura funcional do domínio infinitivo. Como tem sido mostrado na literatura, contrariamente ao PE (Gonçalves 1999) e ao italiano (Rizzi 1982), o PB (Cyrino 2010) bloqueia a subida de clítico (cl-cl; 1) e o movimento longo de objeto (LOM; 2) em contextos de infinitivo. (1) O João não te quer ver. (OK PE / *PB) (2) Não se podem antecipar resultados. (OK PE / *??PB) Esta diferença entre PE e PB tem sido atribuída às propriedades de T encaixado (e.g., Cyrino 2010), que seria fi-defetivo em PE, mas apenas fi-incompleto em BP. Assim, em PB não se verificariam efeitos de reestruturação (T fi-incompleto é especificado quanto a [número], podendo sondar os clíticos e o DP objeto), ao contrário do que acontece em PE (sendo defetivo, T não se qualifica como sonda, o que obriga a cl-cl e LOM). Porém, tal análise não consegue explicar, entre outros aspetos, por que razão sujeitos nominativos em domínios de infinitivo não flexionados são ilegítimos em ambas as variedades, o que torna a diferença entre T defetivo e T incompleto pouco clara. Mostrar-se-á que a diferença entre PE e PB no que diz respeito à reestruturação, não residindo nas propriedades de T, decorre dos traços de Asp e v encaixados, núcleos funcionais que são sempre ativos em PB, podendo ser fi-defetivos em contextos não finitos do PE.

Palavras-chave: categorias funcionais, reestruturação, variação linguística

Desencadeadores de apagamento de Caso dativo: as preposições "a" e "para" em contextos dativos e benefactivos do Português Brasileiro

Autores: Julio William Curvelo Barbosa ¹

Instituição: ¹ UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná

Resumo: Este trabalho discute fenômenos distintos de dois dialetos do Português Brasileiro (PB) da Zona da Mata Mineira (PBM) e de regiões variadas do Paraná (PBP). Investiga-se uma possível relação entre variações dialetais e a ausência das preposições "a" e "para" nos contextos dativo (1a) e benefactivo ((1b), (1c)). (1) a. O Pedro deu um livro [a/para/∅] o João/ O Pedro deu o João um livro. (PBM) b. Queria agradecer a Professora Jacqueline por me convidar [para/∅] essa banca. (PBP) c. Eu tô devendo [para/∅] Paranaguá inteira. (PBP) Scher, Barbosa & Armelin (2014) sugere que a ausência da preposição no PBM se dê pelo bloqueio da inserção do item de vocabulário em PF, devido à marcação de Caso default (Kato 2012) em tópico/foco. Nos dados do PBP, porém, não há movimento. Portanto, este trabalho sugere a ausência de preposição no PBP ocorra pela defectividade de P no traço de Caso oblíquo, gerando incompatibilidade com os itens de vocabulário disponíveis. Tal análise explicaria o comportamento semelhante às construções seriais (cf. 3) nos dados de semântica benefactiva do PBP. (3) Cantonese keoi5 maai3-zo2 hou2do1 je3 bei2 ngo5 3.SG comprar-PERF muitas coisas dar 1.SG 'Ele(a) comprou muitas coisas para mim.' (Bodomo et al. 2004, p. 62) Seguindo as ideias em Berwick & Chomsky (2011) and Sigurðsson (2011), que defendem que variação paramétrica seja morfossintática, e não semântica, este trabalho defende que o mesmo princípio que explica a ausência da preposição no PBM se aplica aos dados do PBP. Assim, esse princípio deve lidar com núcleos fonologicamente defectivos nas variadas categorias funcionais. Se essa proposta estiver correta, duas conclusões são possíveis: (i) (ao menos um dialeto do) PB possui construções seriais e (ii) serialização seria uma consequência de efeitos em PB, assim como a diferença entre construções dativas e de objeto duplo (Barbosa 2012).

Palavras-chave: Preposições, Caso, Parâmetros, Morfologia Distribuída, Sintaxe Gerativa

Embedded direct speech in Pirahã: the case of 'gaisai' constructions.

Autores: Raiane Oliveira Salles ¹

Instituição: ¹ UBC - University of British Columbia

Resumo: This paper contributes to the debate about embedding in Pirahã (Mura). I analyze the case of reported speech, represented in (1), where the verb *gai* is nominalized, and the subject pronoun of the reported sentence is not coreferential with the pronoun preceding *gaisai*. Thus, (1) is an instance of direct speech. (1) *hi₁ gai-sai hi₂ pioahai xogai* 3 say-nmlzr 3 soda want Interestingly, (2), where both occurrences of *hi* are coreferential, is ungrammatical in some speakers' dialect, suggesting that indirect speech is unavailable. (2) *hi₁ gai-sai hi₁ pioahai xogai* 3 say-nmlzr 3 soda want Everett (2005) claims that this is due to a general ban on embedding in Pirahã, but several works have already suggested that there is embedding in the language (Nevins et al, 2009; Salles (2015); Amaral et al (in press); Rodrigues et al (in press)). On my part, I will present fieldwork data showing that the ban on indirect reported speech is due to dialectal variance, since (2) is grammatical for several speakers. Moreover, along the lines of De Vries (2008), my analysis shows that direct speech does involve embedding. I propose that the pronoun *hi* and the nominalized verb *gaisai* in (1) form a possessive construction, and the reported sentence functions as a predicate noun, yielding the translation in (3). (3) 'His saying is: "He wants soda".' I will also show that merge can apply recursively to direct speech yielding quotes within quotes, as shown in (4). (4) *Migixoi xi gai-sai Hiahoai hi gaisai ti pioahai xogai* Migixoi 3fem say-nmlzr Hiahoai 3masc say-nmlzr soda want 'Migixoi's saying is: "Hiahoai's saying is: "I want soda.".'" If time, I will show that direct reports need not be a verbatim of the original of what was said originally, which is evidence against Davidson's (1984) paratactic analysis of direct speech.

Palavras-chave: Pirahã, embedding, recursion, direct speech

Emergência de uma TAG na aquisição de primeira língua?

Autores: Pablo Picasso Feliciano de Faria ¹

Instituição: ¹ UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Seja (1), abaixo, uma representação hipotética da sentença "John bought a book" em algum estágio desenvolvimental de uma criança adquirindo inglês. A árvore consiste de: (i) categorias sintáticas aprendidas, nomeadas como N(ó) + uma numeração arbitrária; (ii) sentidos (cf. Jackendoff, 1990) como conteúdo de nós terminais e não-terminais; e, finalmente, (iii) passos de uma derivação composicional do sentido da sentença. (1) Note que (1) é endocêntrica: N2 é o núcleo de N3, visto que aquele determina a natureza deste (representada pela estrutura do sentido), e o mesmo pode ser dito dos pares , , e, indiretamente, . Nesse sentido, essa representação se equivale à estrutura sintagmática nua (cf. Chomsky, 1995), pois captura as relações de projeção e é econômica (quando comparada às representações assumidas na Teoria X-barras). Isso fica evidente quando omitimos os sentidos em (1) ou quando substituímos os nós pelos itens lexicais que encabeçam cada constituinte (Figura 1). (Fig.1) Ademais, é possível extrair de (1) as árvores elementares exibidas na Figura 2, demonstrando que uma gramática que produza árvores como (1) pode ser caracterizada como uma gramática de adjunção de árvore (doravante, TAG) (cf. Joshi & Schabes, 1997), em que árvores elementares (e, presumivelmente, auxiliares) são definidas por relações semânticas entre categorias sintáticas. (Fig.2) Dado o quadro resumido acima, cabe perguntar: como a criança desenvolveria um conhecimento desta natureza? Nesta apresentação, uma resposta hipotética será sugerida, a partir das conclusões da modelagem computacional da aquisição da linguagem em REF (omitido). Mostraremos em detalhe como é possível, em teoria, que a criança desenvolva uma gramática dessa natureza, a partir da relação entre a aquisição lexical e a sintática e dadas algumas suposições sobre a natureza de sua predisposição.

Palavras-chave: aquisição da linguagem, modelagem computacional, TAG, conhecimento gramatical

NumP: fronteira sintática na marcação de plural no PB

Autores: Bruna Karla Pereira ¹

Instituição: ¹ UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Resumo: Em diversas línguas, observa-se que a posição de cardinais (NumP) se constitui como fronteira na distribuição do morfema de plural no DP (DANON, 2011; NORRIS, 2014), o que se aplica ao PB (1-4). Nesta proposta, assume-se que os traços- ϕ de número no PB são interpretáveis em Num e valorados em outros constituintes (D, N e A) via concordância (CHOMSKY, 2001; PESETSKY; TORREGO, 2007). Assim, em (1a), apenas 'os' recebe o morfema '-s' de plural, pois é o único constituinte situado acima do cardinal. Em (1b), 'os' e 'outros' recebem marca de plural, pois ambos estão acima do cardinal. Em (1c), a estrutura é agramatical, pois elementos situados acima do cardinal não estão marcados, quando deveriam estar, e vice-versa. (1) a. Os (dois) outro caderno velho b. Os outros (dois) caderno velho c. *O outro (dois) cadernos velhos Iguualmente, em (2), 'criança' não é um "singular nu", mas um nome no plural, sem o morfema '-s', visto que se encontra em posição posposta ao cardinal. (2) Vi (duas) criança no jardim. A regra se aplica também a PB dialetal (3-4). Em (3), 'que' recebe marca de plural (NUNES, 2007), justamente devido à sua posição à esquerda do cardinal. (3) Ques (duas) banana fresquinha! Em (4), situado após NumP e, conseqüentemente, desprovido de marca de número associado ao nome, o possessivo pós-nominal favorece a reanálise de seus traços de número como sendo da pessoa (interpretáveis) e não do nome (PEREIRA, 2016). Por isso, em (4), o '-s' de 'seus' indica 2ª pessoa do plural e não concordância nominal. (4) "Eu posso fortalecer o negócio seus" (Belo Horizonte, 24/03/2014). Portanto, a análise da posição de cardinais, como fronteira sintática na distribuição do morfema de plural na hierarquia interna do DP, desafia propostas vigentes (COSTA; FIGUEIREDO SILVA, 2006) que primam pela autonomia do componente morfológico.

Palavras-chave: Cardinais, Marcação de plural, DP, Concordância, NumP

"O celular acabou a bateria": o nominativo de posse no Português Brasileiro

Autores: Elaine Alves Santos Melo ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho examina as construções de tópico sujeito do Português Brasileiro, que envolvem o alicamento do DP [+possuidor] para a posição de sujeito, tais como "o celular acabou a bateria" com o objetivo de contribuir com (i) a descrição das propriedades morfossintáticas dessas construções e (ii) uma proposta de derivação para tal construção, à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2001). Os dados analisados advêm de um corpus formado por sentenças coletadas na internet e/ou de fala espontânea. Defendo que nas construções de tópico sujeito em estudo neste trabalho há uma estrutura de posse externa, ou seja, o DP [+possuidor] e o DP [+possuído] estão projetados em constituintes sintáticos descontínuos: o DP [+possuído] se encontra abaixo de VP, enquanto o DP [+possuidor] está acima de VP, na posição de [Spec-TP] (PAYNE & BARSHI, 1999). Apesar disso, semanticamente, estes DPs expressam uma relação de parte-todo ou de possuído-possuidor. Outras propriedades morfossintáticas são (i) só ocorrem com posse inalienável ou meronímica (KAYNE, 2002); (ii) são restritas a verbos inacusativos; (ii) o DP [+possuidor/todo] pode ter traço [+humano], [+animado] ou [+inanimado]. No que concerne à análise formal, proponho que a numeração destas construções não contém a preposição capaz de checar o Caso do DP [+possuidor/todo]. Por isso, ocorre o movimento deste DP para a posição de [Spec-TP], onde o Caso Nominativo está disponível para ser checado. Assumo, para a derivação deste tipo de construção, a proposta de Den Dikken (2010) de que em construções com posse inalienável a relação entre os itens [+possuído] e [+possuidor] é estabelecida por meio de uma estrutura de predicação em um Relational Phrase (RP). Neste sentido, o DP [+possuído] destas construções também checa Nominativo.

Palavras-chave: Tópico sujeito, Posse externa, Nominativo de posse

O emprego de DPs plurais encaixados permitem dupla concordância: concordância verbal com sujeitos complexos

Autores: Alzira Neves Sandoval ^{1,2}

Instituição: ¹ UNB - Universidade de Brasília, ² SEEDF - Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Resumo: Sentenças com sujeitos constituídos de DPs complexos são bastante comuns no Português Brasileiro e, embora a tradição gramatical só reconheça a ocorrência de (1a), construções como (1b) são cada vez mais recorrentes, tanto na língua falada quanto na língua escrita (conforme Naro & Scherre, 1998, Scherre & Naro, 2015, entre outros). (1) a. [O emprego de DPs plurais encaixados] permite dupla concordância. b. [O emprego de DPs plurais encaixados] permitem dupla concordância. Neste tipo de construção, a variação consiste no fato de o verbo ora poder ser flexionado no singular, concordando com o núcleo nominal mais alto – concordância canônica –, ora no plural, concordando com o núcleo nominal mais baixo (ou encaixado) – concordância parcial. Em inglês, esse fenômeno é conhecido por concordância por atração (agreement attraction, Den Dikken, 2001) ou concordância por proximidade (proximity concord, Quirk et al., 1972). O objetivo deste trabalho é discutir, com base nos pressupostos da Teoria Gerativa, mais especificamente na versão do Programa Minimalista (Chomsky, 1995 e trabalhos posteriores), a dupla concordância verbal com sujeitos formados por DPs complexos no Português Brasileiro tomando como referência a proposta de Den Dikken (2001), para o qual a concordância por atração deve ser analisada em termos de movimento em LF do sintagma nominal encaixado, o que, em combinação com a propriedade intrínseca de pronomes nulos e fracos terem de realizar todos os movimentos em sintaxe manifesta, explicará o fato de que pronomes não podem desencadear esse tipo de concordância (*the identity of them are to be kept a secret).

Palavras-chave: Concordância, Sujeitos Complexos, Teoria Gerativa

O estatuto da preposição de nas tough movement constructions

Autores: Daniel de Brito Machado ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: Neste trabalho, discuto o estatuto da preposição *de* nas *tough movement constructions* (doravante TMCs), isto é, estruturas em que o sujeito da oração matriz é o objeto lógico da encaixada (cf. 1), e demonstro que, em português brasileiro, as TMCs se assemelham às reestruturações de concordância de voz descritas em Wurmbrand & Shimamura (2010), nas quais há concordância entre a oração matriz e a encaixada num processo de reestruturação em que a camada *Voice* se incorpora a *v/V* a fim de evitar o *spell-out* do traço *V* sem valorização. Assim, proponho que, por conta da possibilidade de leitura agentiva do sujeito da oração matriz nas TMCs em português brasileiro (cf. 2), surgiu a estrutura em que o predicado encaixado apresenta morfologia passiva (cf. 1, a), a fim de desambiguar as duas possíveis leituras. Desta forma, a oração encaixada, por meio do traço [+ PASSIVO], entrou em concordância com o traço com característica de voz passiva da matriz, satisfeito pela cópula. Ademais, assumindo-se que, em português brasileiro, não só a camada *Voice* tem traços-phi como também *v*, seguindo Wurmbrand & Shimamura (2010) para a língua chamorro, analiso os dados como os de (1, 2) argumentando que a preposição *de* é a realização sincrética de *Voice* e *v*, bem como discuto a opcionalidade e a obrigatoriedade do seu uso. (1) a. O Daniel é fácil (de) enganar/(de) ser enganado. b. Os meninos são fáceis *(de) enganar. (2) a. O Daniel [Agente] é difícil (de) pagar. b. O Daniel [Paciente] é difícil (de) pagar.

Palavras-chave: Tough movement constructions, Reestruturação, Preposição

“O João que tá falando” interpretando que como um núcleo de foco: sintaxe, variação e evidência diacrônica

Autores: Paulo Medeiros Junior ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: Desde Rizzi (1997), propões-se que pronomes relativos, interrogativos, tópicos e constituintes focalizados ocupam a periferia da sentença. O movimento dessas categorias se deveria à existência de

determinados critérios: um critério-wh (para interrogativos), um critério-foco (para expressões focalizadas) e um critério-tópico (para construções de tópico), um critério-force (para relativizadores)... O PB apresenta construções focais como: (1)a. Quem que você viu? b. Perguntei quem que você viu. (2)a. O João que tá falando. b. Você que fez isso. Para Braga, Kato & Miotto (2009) e Ribeiro & Côrtes Junior (2009), em (1) e (2), temos sentenças derivadas de clivadas comuns, com o apagamento da cópula (3); para Ribeiro & Côrtes Junior (2009), a cópula vem ao início da sentença (3d), caracterizando uma clivada comum, ou imediatamente após o constituinte focalizado, construindo uma clivada invertida (3a, b e c): (3)a. Quem foi que você viu? b. Perguntei quem é/foi que você viu. c. O Paulo é que vai falar agora. d. Foi você que fez isso, não eu. Consta-se empiricamente que a presença do elemento “que” como em (1) força o deslocamento-wh para a periferia da sentença; o mesmo não se observa em (5). (4) *que você viu quem? (5) a. Quem você viu? b. Você viu quem? Argumentarei que construções como (1) e (2) não se originam em clivadas (bioracionais), mas que, em dados como Quem que fez isso? e O João que tá falando, temos uma construção focal típica com a realização morfofonológica do núcleo Foc, materializado no vocábulo que. A ocorrência de que força a focalização de um DP presente na derivação e o movimento para posições focais é ativado por traços Karimi (2003), nesse caso, um traço de foco que o DP porta ao adentrar a derivação, o qual é compatível com os traços do núcleo Foc. Assumo ainda, seguindo Kato (2004), que em (1) o traço-wh é valorado sincreticamente junto ao núcleo de foco.

Palavras-chave: Foco., Português do Brasil., Variação

O sufixo -iz(ar): um estudo sobre formações dicionarizadas e não dicionarizadas

Autores: Carla Elisa Ferreira dos Santos ¹

Instituição: ¹ UFBA - Universidade Federal da Bahia

Resumo: Neste trabalho, discute-se a ocorrência do sufixo -iz(ar) em formações verbais com bases adjetivas e substantivas, em construções dicionarizadas (amenizar, potencializar) e não-dicionarizadas (instagranizar, pagodizar), observando os tipos de leituras possíveis das verbalizações com esse sufixo, como podem ser vistas em Bassani (2009) - guardar em; Oliveira (2009) - tornar x-ado; Castro da Silva (2012) - tornar-se x; e Picoli (2015) - tornar x, dentre outras leituras encontradas, sobretudo nas formações não-dicionarizadas, tais como: fazer x, colocar em x, usar x. Para a realização da análise, constituiu-se um corpus com 405 formações, coletadas no dicionário Houaiss (2009) e em redes sociais, como twitter e facebook. Objetivou-se observar os aspectos semânticos, bem como os morfossintáticos das formações com -iz(ar), de acordo com Vendler (1967), Basílio (1987), Smith (1991), Bechara (2009), Cançado (2010) e Rio Torto (2013), atentando-se aos possíveis contextos de restrição para inserção deste sufixo à base. Optou-se por utilizar os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (HALLE, MARANTZ, 1993, 1994), considerando que, nesse modelo, as informações, antes contidas no léxico, são estruturadas em Listas, a fim de responder às questões: há alguma restrição que bloqueia a entrada do sufixo -iz(ar) numa verbalização?; as formações dicionarizadas apresentam as mesmas propriedades semânticas das não dicionarizadas? Além do licenciamento da adjunção de -iz(ar) a uma base, é, também, observado o aspecto lexical (DOWTY, 1979; BASSO e ILARI, 2004) expresso por essas formações verbais. Na pesquisa desenvolvida nas verbalizações com -iz(ar), percebem-se traços semânticos que caracterizam o aspecto lexical achievement.

Palavras-chave: Sufixo -iz(ar), Tipos de leitura, Aspecto lexical

O sujeito de verbos inacusativos no português

Autores: Humberto Soares da Silva ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Diversos estudos têm atestado a mudança em direção ao preenchimento do sujeito, pela qual passa o português brasileiro (PB), enquanto o português europeu (PE) se mantém uma língua de sujeito nulo (DUARTE, 1993, 1995, entre outros). Considerando que línguas de sujeito nulo também apresentam produtividade de sujeitos pós-verbais, o objetivo geral deste trabalho é investigar a representação do sujeito de verbos inacusativos, que, no PB, além de apresentar variação quanto a expressão e apagamento, também exibe variação na ordem. A variação observada na representação do sujeito no PB é explicada pelo fato de a mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) estar em andamento. Apagamento e posposição do sujeito (aqui tomadas como duas das propriedades do PSN) foram

observadas diacronicamente, no PE (SANTOS, 2016) e no PB (SANTOS e SOARES DA SILVA, 2012). Sendo assim, o primeiro objetivo específico da pesquisa é fazer uma comparação entre os estudos diacrônicos do PE e do PB. O segundo objetivo específico é analisar o PB sincronicamente, com dados de fala real. A pesquisa é baseada numa associação entre o quadro gerativo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Os dados com verbos inacusativos foram coletados de peças de teatro de caráter popular, escritas em Lisboa e no Rio de Janeiro ao longo dos séculos 19 e 20 e divididas em sete períodos, assim como na pesquisa de Duarte (1993). Para a análise da fala do PB, foram coletados dados da fala carioca do projeto *Concordância* (www.concordancia.lettras.ufrj.br). Os resultados diacrônicos para o PB apontam indícios de mudança em direção ao preenchimento do sujeito pré-verbal, ao passo que os resultados do PE, como esperado, demonstram estabilidade. Sincronicamente, a fala do PB apresentou resultados semelhantes aos da última sincronia do estudo diacrônico com peças de teatro.

Palavras-chave: sujeito, inacusativo, português

Orações de gerúndio como complemento de predicados factivos e de predicados volitivos

Autores: Patrícia Rodrigues ¹

Instituição: ¹ UFPR - Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este trabalho discute as orações gerundivas do português brasileiro complementos de predicados factivos (pressuposicionais), como *lamentar* (1a), e de predicados volitivos (não pressuposicionais), como *querer* (1b). (1) a. O professor lamentou os alunos estudando física no feriado. b. O professor quer os alunos estudando física no feriado. Desde Kiparsky e Kiparsky (1971), as diferenças entre predicados factivos e não factivos têm sido associadas a uma diferença na estrutura sintática de seus complementos. Neste trabalho, argumentamos, com base em Kastner (2015), que os complementos gerundivos dos predicados factivos constituem um DP definido (uma entidade pressuposta) com um núcleo D nulo que seleciona um CP defectivo (sem o núcleo Force), enquanto os complementos gerundivos dos predicados volitivos formam um CP (uma proposição) (cf. Fong 2015). Essa análise explicaria as diferenças observadas na literatura entre complementos de predicados pressuposicionais e não pressuposicionais. Tais diferenças também podem ser observadas no caso dos complementos gerundivos estudados. Por exemplo, o complemento gerundivo de *lamentar*, ao contrário do complemento gerundivo de *querer*, não permite um tópico encaixado (2) nem a extração de adjuntos (3). Ainda, essa análise prevê que uma proforma proposicional (*como*) não seria possível com verbos factivos, que aceitariam apenas uma proforma para DPs (*o que*). Essa previsão é confirmada pelos exemplos em (4). O exemplo em (5) mostra que a proforma *como* é possível com o verbo volitivo *querer*, bem como com outros verbos que selecionam uma proposição (2) a. *O João lamentou esse livro, a Maria lendo ele. b. O João queria esse livro, a Maria lendo ele. (3) a. *Quando_i o professor lamentou os alunos estudando física t_i ? b. Quando_i o professor quer os alunos estudando física t_i ? (4) a. *Os alunos estão estudando no feriado, como o professor lamentou. b. Os alunos estão estudando no feriado, o que o professor lamentou. (5) Os alunos estão estudando no feriado, como o professor quer/disse/contou/acha.

Palavras-chave: orações de gerúndio, predicados factivos, predicados volitivos

Os nomes próprios e a realização de determinantes no português

Autores: Adeilson Pinheiro Sedrins ^{1,2}

Instituição: ¹ UFRPE/UAST - Universidade Federal Rural de Pernambuco, ² UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Resumo: Apesar de haver variação, no português, na realização de artigos definidos diante de nomes próprios (cf. Callou e Silva, 1997), nos contextos em que o nome próprio é licenciado com modificadores, passando a comportar-se como um nome comum, a realização de um determinante passa a ser obrigatória (O João altão chegou / *João altão chegou). A partir disso, neste trabalho apresentamos um estudo descritivo-explicativo sobre o uso do artigo definido diante de nomes próprios no português brasileiro, atentando, especificamente, para os contextos nominais com inversão de predicado. As estruturas objeto de nossa análise serão aquelas realizadas sob a forma N1+de+N2, como em *o cachorro do João*, em que o nome próprio aparece na posição N2, e podemos ter duas leituras: (1) João é o dono de um cachorro; (2) João é um cachorro (=cafajeste). Nesse tipo de construção, quando o nome próprio não é realizado com determinante, só podemos ter a leitura de possuidor para João (O cachorro de João = João tem um cachorro). A leitura (1) reflete a organização do SN contendo uma construção genitiva e a leitura (2) corresponde a uma configuração sintática de inversão de predicado, nos termos de Dikken (2006),

conforme iremos argumentar. Para a leitura correspondente a uma construção de inversão de predicado, nossa análise buscará responder a por que, nesse contexto, a realização de um determinante é obrigatória e, para isso, iremos assumir que isso se deve a requerimentos formais, para garantir o preenchimento da posição D, seguindo a análise de Longobardi (1994).

Palavras-chave: Nome próprio, Determinante, Inversão de predicado

Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be

Autores: Núbia Saraiva Ferreira Rech ¹, Giuseppe Varaschin ¹

Instituição: ¹ UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste estudo, investigamos a natureza dos estativos que formam sequência com deônticos. Nosso objetivo foi avaliar o papel que as propriedades desses predicados sob o escopo do modal desempenham na sua interpretação. Apresentamos uma proposta para explicar as diferentes interpretações deônticas em construções com estativos. Fornecemos argumentos que apontam a necessidade de postularmos estados passíveis de controle. Abordamos a relação entre estativos (não-)passíveis de controle e a modalidade deôntica, sob a perspectiva da existência de dois tipos de deônticos: ought-to-do e ought-to-be (cf. FELDMAN, 1986; BRENNAN, 1993; HACQUARD, 2006; PIRES DE OLIVEIRA & RECH, 2016). Ao examinarmos as intrincadas relações que os deônticos estabelecem com os estativos, cremos ter avançado na compreensão dessas duas classes. Nossa conclusão foi que nem deônticos nem estativos podem ser convenientemente caracterizados como classes homogêneas. O comportamento diferenciado de tipos de estativos em relação aos deônticos reforça a tese segundo a qual as eventualidades não-dinâmicas se repartem entre aquelas que podem e as que não podem ser controladas. Essa divisão interna à classe dos estativos possibilitou rastrear algumas diferenças entre os deônticos ought-to-do e ought-to-be. Aqueles funcionam apenas com predicados estativos controláveis (em que um participante agentivo atua nas fases preparatórias da eventualidade descrita no VP), e estes funcionam com todos os tipos de estativos, embora apresentem restrição de outra natureza – relativa ao tipo de leitura assumida pelo DP (referencial ou atributiva). Essas evidências fornecem um respaldo adicional à hipótese aventada em Rech e Giachin (2014) e Pires de Oliveira e Rech (2016), segundo a qual a definição da modalidade está atrelada às propriedades do predicado sob o escopo do modal. Enfim, conseguimos inferir, a partir de um diálogo com a hierarquia de núcleos funcionais (CINQUE, 1999, 2006), que os deônticos altos devem estar posicionados acima do núcleo aspectual progressivo.

Palavras-chave: Modalidade Deôntica, Predicados Estativos, Traço [\pm controle]

Quantificadores flutuantes: comportamento do Wapichana

Autores: Marcelo Giovannetti ¹

Instituição: ¹ UFRR - Universidade Federal de Roraima

Resumo: O Wapichana é uma língua indígena da família Arawak (Rodrigues, 1986) falada no estado de Roraima e na Guiana. Essa língua apresenta quantificadores como ipei 'todo', tyykii 'muito', bayda'y 'algum' e kinii 'cada', que exprimem uma relação de quantificação entre dois subconjuntos do mesmo universo do discurso, tidos, nos dizeres de Heim & Kratzer (1998), como determinantes quantificacionais. A literatura gerativa tem tratado termos como 'todo', 'muito' e 'algum' pela expressão "quantificadores flutuantes", como uma forma de indicar o fato de que tais palavras podem aparecer tanto na posição em que são geradas quanto deslocadas dessa posição de origem. Neste trabalho, buscaremos verificar se há, na língua Wapichana, quantificadores flutuantes, ou seja, considerando-se que nessa língua existe o quantificador universal ipei 'todo', buscaremos verificar quais posições para esse quantificador são licenciadas na língua. Desse modo, baseados nas análises de Boskovic (2004) e Sportiche (1988), com a proposta do quantificador encalhado, buscaremos compreender certas características dos quantificadores em Wapichana, em relação às suas posições na estrutura da sentença. Como exemplo, temos a seguinte sentença: (i) Ipai win iwa'uz di'iki ikaniriba'u Qut água rio dêitico-?-EL 3M sujo epêntese adjr 'Toda a água do rio está suja'. Diferentemente do que ocorre em PB, em que poderíamos ter uma sentença com o quantificador numa posição mais baixa na sentença, como em "A água do rio está toda suja", o que vai de acordo com a proposta de Sportiche (1988), em Wapichana, sentenças como "Win iwa'uz di'iki ipai ikaniriba'u" e "Win iwa'uz di'iki ikaniriba'u ipai" são agramaticais, o que nos dá indício de que o quantificador não é gerado no interior da small clause, ficando encalhado nessa posição, enquanto o DP modificado se

desloca para uma posição mais alta na estrutura. Tais dados nos fazem repensar sobre quantificadores flutuantes.

Palavras-chave: Encalhe, ipei, Quantificação

Sintaxe e concordância na gramática do português: por uma análise unificada

Autores: Claudia Roberta Tavares Silva ¹, Telma Moreira Vianna Magalhães ²

Instituição: ¹ UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco, ² UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Resumo: Neste estudo abordaremos a concordância estabelecida no domínio interno do DP (concordância nominal) e no domínio entre o DP sujeito e a flexão verbal (concordância verbal) no português brasileiro (PB), rediscutindo a proposta de Costa e Figueiredo Silva (2003), segundo a qual o locus da distinção entre o PB e o português europeu (PE) reside no tipo de morfema associado com pluralidade: naquela é singleton e nesta é dissociado, seguindo Embick e Noyer (2001) e Noyer (2003). Apresentaremos evidências empíricas a partir de dados extraídos de pesquisas (Naro & Scherre 2007, Almeida 2010, Brandão & Vieira 2012) que constataam uma assimetria entre o PB e o PE: naquela, trata-se de uma regra variável nos dois domínios, enquanto, nesta, categórica no domínio nominal e semi-categórica no outro domínio (cf. Brandão & Vieira 2012). Nesse sentido, um caso de variação intralinguística configura-se em PB nos domínios da concordância, evidenciado pelos morfemas singleton (Os menino brinca.) e dissociado (Os meninos brincam.). A questão que se coloca com relação a essa variação é a seguinte: o fato de no PB termos construções em que o traço-phi de número tem sua realização morfológicamente visível em todos os itens que entram na relação de concordância, como ocorre no PE, e construções em que esse mesmo traço não aparece realizado em todos os itens que entram nessa relação seria evidência para argumentarmos a favor de que o PB e o PE têm gramáticas diferentes no que tange à sintaxe dessas línguas? Para tanto, argumentamos a favor da ideia de que as diferenças entre o PE e o PB, no que tange à concordância de número, se dão apenas no nível fonológico e não no nível sintático, tendo em mente que a checagem de traços-phi de número no componente sintático se dá do mesmo modo nas duas línguas.

Palavras-chave: Concordância, Português, Sintaxe

Sobre a implementação de ter como verbo possessivo no PB e o surgimentos de sentenças existenciais pessoais

Autores: Juliana Marins ¹, Amanda Alves ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho traz um panorama da substituição de haver por ter em sentenças existenciais no PB, partindo das ideias de Avelar (2006), segundo o qual alterações na representação do sujeito pronominal teriam levado à mudança no estatuto categorial de haver, que teria se tornado uma categoria substantiva, nos termos da Morfologia Distribuída (Embick e Noyer 2004). Examinamos ainda estruturas existenciais com TER e a posição de sujeito preenchida por um DP ou pronome. Partindo das alterações quanto à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (DUARTE 1993, 1995) e à sintaxe de concordância (AVELAR e Galves 2011, entre outros), assumimos que o PB atual é uma língua cujo estatuto EPP de T é phi-independente, o que implica a projeção da posição estrutural de sujeito e o conseqüente movimento de um DP – argumental ou não. Em línguas cujo EPP de T é phi-dependente, tal posição só será preenchida por um DP argumental, como ocorre no PE. O trabalho mostra que, semelhante ao que ocorre com verbos inacusativos, em (2), em que um DP pode ser movido de dentro do argumento interno, o PB passa a contar com mais de uma estratégia para indicar existência: sentenças com ter e um proexp na posição de sujeito, como em (3a), e as sentenças existenciais de tópico-sujeito (MARINS, 2013), em (3b), (3c) e (3d), em que se verifica um DP na posição de sujeito, um pronome referencial e um pronome de valor genérico. A análise apresenta algumas especulações para o surgimento dos padrões em (3b), (3c) e (3d) (2) a. Arreventou a trava das portas. b. As portas arreventaram a trava. (3) a. Tinha mofo nas paredes do quarto. b. O quarto tinha mofo nas paredes. c. O João/Ele tem uma escola na frente de casa. d. Você tem um monte de ônibus no Fundão.

Palavras-chave: sentenças existenciais, ter e haver, Parâmetro do Sujeito Nulo

Sujeitos nulos de referência indeterminada em Português Brasileiro: distribuição e interpretação

Autores: Paulo Medeiros Junior ¹, Marcus Vinicius Lunguinho ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: Galves (2001:36,46) mostra que o Português Brasileiro permite sujeitos nulos de 3ª pessoa do singular com referência indeterminada (doravante SNI), como em (1): (1) a. Diz que Reagan vai mudar de estratégia. b. Nos nossos dias, não usa mais saia. Nesses dados, o sujeito nulo aparece em sentenças genéricas. Lunguinho & Medeiros Junior (2009:10) apresentam novos dados que corroboram a proposta de Galves, mas que vão além ao mostrar que o SNI também pode aparecer em sentenças episódicas, como em (2): (2) a. Montou o armário lá de casa semana passada. b. Ligou aí da CEB para você. Nos dois conjuntos de dados, o SNI encontra-se em orações matrizes. Diante disso, cabe perguntar: o SNI tem interpretação e distribuição restritas como o sujeito nulo referencial de 3ª pessoa (Duarte 1995, Figueiredo Silva 1996, Negrão 1986,1999, Ferreira 2000, Modesto 2000, Galves 2001, Rodrigues 2004, Barbosa, Duarte & Kato 2005, Duarte & Figueiredo Silva 2016)? Neste trabalho avançaremos um pouco mais na descrição das características do SNI, buscando uma resposta para essa questão. Em relação à distribuição dos SNIs, eles não se restringem às orações matrizes, conforme ilustrado em (3): (3) a. Não pise aí [porque ainda não limpou o chão]. b. Saiu a lista de aprovados, mas queria saber [se já chamou alguém ou se ainda vai chamar]. No que se refere às suas possibilidades interpretativas, os SNIs não dependem referencialmente de outros constituintes da oração: (4) a. Me disseram [que não fabrica mais esse tipo de modelo]. b. Falou [que assaltou a casa da Ana ontem]. SNIs apresentam sintaxe e semântica distintas do sujeito nulo referencial de 3ª pessoa. Para explicar as características dos SNIs, este trabalho articula os pressupostos do Programa Minimalista (Chomsky 1995) com trabalhos sobre o parâmetro do sujeito nulo (Biberauer et. al. 2010, Camacho 2013).

Palavras-chave: Sujeito nulo de 3ª pessoa, Sujeito nulo indeterminado, Português brasileiro, Parâmetro do sujeito nulo

“Tudo” como modificador de grau no PB coloquial

Autores: Arion de Souza Cruz ^{1,2}, Helena da Silva Guerra Vicente ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília, ² SEEDF - Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Resumo: O presente trabalho, fundamentado pelos pressupostos do modelo teórico de Princípios & Parâmetros, em seu estágio mais atual, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes), investiga o uso da palavra "tudo" como modificador de grau no Português Brasileiro (PB) coloquial, como exemplificado em (1): (1) Os quantificador tá tudo flutuando. Procuramos evidenciar que "tudo" é um elemento pertencente à série "todo-all" ("todo" e flexões: "todo(s)", "toda(s)"), defectivo em termos de traços-phi. "Tudo" é um elemento nuclear, Q0, que seleciona um elemento nominal (semanticamente plural) como complemento. Nosso objetivo é fornecer uma análise para a sintaxe desse item, pressupondo a argumentação de que ele funciona como um modificador de relações de predicação (QUADROS GOMES, 2009; VICENTE & QUADROS GOMES, 2013), ou seja, nas sentenças em que ocorre, tal item opera semanticamente sobre uma relação de predicação (predicado + argumento), elevando ao grau máximo a aplicação da predicação ao argumento. Essa operação semântica de "maximalização" ou "maximização" (BRISSON, 1998; QUADROS GOMES, 2009; LIMA, 2013) é captada na sintaxe pelo estabelecimento de Agree entre um núcleo de grau, Deg (do inglês, Degree) – que projeta um sintagma de grau (DegP), em domínio A', sobre um predicado não-verbal (no caso de a relação de predicação ajustada ao grau máximo ser o complexo [propriedade e argumento possuidor da propriedade]), sobre VP (em se tratando do complexo [predicado e seu argumento interno]) ou vP (em se tratando do complexo [predicado e seu argumento externo]) – e "tudo" – que é selecionado para a numeração portando um traço de grau com valor máximo, capaz de valorar o traço de grau não-interpretável presente em Deg (VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016). Nossa pesquisa justifica-se pela escassez de estudos formais a respeito do uso coloquial da palavra "tudo" no PB.

Palavras-chave: Tudo, Modificador de grau, PB coloquial, Flutuação de quantificadores

Uma proposta de análise para sentenças relativas locativas introduzidas por "onde que": foricidade + complementação

Autores: Sinval Araújo de Medeiros Jr. ^{1,2}, Cristiane Namiuti Temponi ²

Instituição: ¹ IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, ² UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Os estudos acerca da derivação de sentenças relativas, no Português Brasileiro (PB), discutem, entre outros aspectos, a natureza do elemento que introduz esse tipo de sentença: um determinante relativo ou um complementizador. Neste trabalho, relacionado à pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), orientado por Cristiane Namiuti (UESB), analisamos sentenças relativas locativas como em (01) "Criada em 2008, a escola **onde que Cássia dá aulas** atende alunos até o 6º ano do ensino fundamental.", que apontam uma outra possibilidade de derivação. Sentenças como (01), retiradas de textos encontrados na Internet, apresentam dois elementos na periferia oracional, na introdução da estrutura relativa: "onde" e "que". Neste trabalho, propõe-se que ambos os elementos estão relacionados à relativização e correspondem à contrapartida de uma seleção de traços para o qual a morfofologia não possui um item lexical único: "onde" realiza traços relacionados à foricidade; "que" realiza traços relacionados à complementação da sentença relativa finita. Sustentam a proposta os seguintes argumentos: (a) o traço de foricidade pode ser expresso por outros itens, tais como "quem", "quando" e "como", os quais acompanham o elemento "que"; (b) a submissão de sentenças relativas locativas introduzidas apenas pelo elemento "que" ao juízo de gramaticalidade dos falantes revela agramaticalidade em contextos nos quais a sentença não é finita. Os dados parecem reforçar a análise segundo a qual o elemento "que", encontrado nas relativas vernaculares do PB é, de fato, um complementizador, o qual não expressa mais propriedades anafóricas. Em contextos nos quais aspectos de foricidade precisam ser realizados, um outro item é realizado para satisfazer esse traço.

Palavras-chave: Sentenças relativas, Traços, Determinante, Complementizador

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.